

# AGI STRAUS<sup>1</sup>

(Viena, Áustria, 1926)



Agi Straus. S. Paulo, 1º.5.2013.  
Fotografia: Laís Rigatto Cardilo.  
Acervo: Agi Straus/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista concedida a Rachel Mizrahi, com a participação de Laís Rigatto Cardilo, responsável pela gravação em áudio e vídeo, e Dianaluz da Costa Leme Correa. S. Paulo, 1º.5.2013. Transcrição: Samara Konno. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Pesquisa complementar: Blima Lorber, Maria Luiza Tucci Carneiro e Dianaluz da Costa Leme Correa. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## *Minhas raízes judaico-austríacas*

Meu nome é Agi Straus, nasci em Viena, na Áustria, em 12 de julho de 1926, com o sobrenome Deutsch, herdado dos meus pais. Ali eu vivi até os 12 anos e meio, mais ou menos. Tenho boas lembranças da minha infância. Fui muito mais criada por uma *mademoiselle* do que pelos meus pais, que sempre estavam trabalhando numa loja. Eles trabalhavam muito. Em alemão, chamávamos essa criada de *Fräulein*, que era uma governanta que falava francês conosco, com minha irmã Eva e comigo. Eva, muitos anos depois, casou-se com Petra.



Viena, cidade natal de Agi Straus.  
Google Maps.

Meu pai chamava-se Oscar Deutsch, austríaco, comerciante, de religião judaica, muito conhecido em Viena. Ele esteve na Primeira Guerra Mundial, e, quando voltou, os pais dele haviam falecido, assim como a irmã de 28 anos que morreu de gripe espanhola.

Minha mãe era húngara, chamava-se Magdalena Deutsch e nasceu na cidade de Timisoara, que hoje faz parte da Romênia. Aqui no Brasil, ela era conhecida como Magda ou Madalena, sendo Weisz seu sobrenome de solteira: Magda Weisz. Ela tinha várias profissões, como a de costureira: fazia camisas e também bolsas maravilhosas, além de saber cozinhar maravilhosamente bem. Era uma verdadeira artesã.

Meus avós paternos eram Rosa e Joseph Deutsch. Aqui nós chamávamos minha avó de Tusch, e ela assinava assim quando escrevia para nós. Tusch era um apelido. Meus avós maternos eram Sigismund Weisz e Ethelca Weisz.

Em Viena, eu levava realmente uma vida de gente rica, que tinha muito dinheiro, porque meus pais tinham uma loja que era muito conhecida e grande, do tipo Mappin aqui no Brasil. Essa loja era de moda masculina e chamava-se em alemão (em português eu não sei) Herrenmode Joseph Deutsch.

Estudamos em uma escola judaica muito boa cujo nome era Schwartzwalt Schule (Floresta Negra), de uma judia muito, muito interessante. Entrei para estudar antes da minha irmã porque eu tenho dois anos a mais que ela. Minha família era judia, mas eu não sabia bem como era, nada, nada, nada! Naquela época, eu nem sabia quem era judeu, quem não era, porque não fui educada judaicamente. Mas pai era muito religioso em casa. E mamãe, por sua vez, fazia tudo ao contrário, era o maior problema. Digo sempre que eu nasci “filha do atrito”. Um pai todo religioso e uma mãe que não queria saber de nada. Quando me casei com Walter [Straus], ele queria que eu fosse religiosa.

Retomando os tempos da minha infância... Costumávamos nadar num lugar muito chique, uma vez por semana. Íamos ao parque, mas sempre com a nossa governanta. Costumávamos ir ao teatro (fomos muito!) e também esquiar. Foi uma infância maravilhosa realmente, mas quase sem a presença dos pais. Antigamente, trabalhava-se muito, e essas famílias burguesas sempre tinham uma *mademoiselle* ou uma *Fräulein*, governanta. Essa que sempre esteve conosco não era judia, mas a última sim, por acaso. Ela fugiu com um jovem que não era judeu e com quem se casou depressa. Ela ficou conosco até quase o fim da nossa residência em Viena. Quando fugimos para a França, em 1938, ela mandou ainda umas coisas para Paris. Foi muito boa para nós, mas não sei detalhes, pois era meio ausente com 12 anos ainda... Não tinha consciência do que estava acontecendo. Eva era muito mais consciente

do que eu... Eu estava sempre “nas nuvens”. Acho que eu já era uma artista desde aquele momento!

## Tempos de mudanças

Em março de 1938, tivemos nossos estudos interrompidos pela chegada das tropas alemãs que ocuparam a Áustria.<sup>A</sup> Lembro-me de que, quando estava na escola, tive a minha primeira experiência de antissemitismo. A professora (que não era judia) disse: “Agi, levanta!”. Bom, levantei. Em seguida, ela disse assim: “Você não tem direito a sentar!”. Estranhei e perguntei: “Por quê?”. Veio logo a resposta: “Porque você é judia!”. Aí eu fiquei muito triste, chateada... Peguei minhas coisas e saí correndo para loja do meu pai



Momento histórico em que as tropas germânicas entraram em Viena, configurando a ocupação da Áustria pela Alemanha.

No dia seguinte, Adolf Hitler anunciou oficialmente o *Anschluss* (conexão, anexação, afiliação ou adesão), a união entre a Alemanha e a Áustria, que, de fato, significava a anexação da Áustria à Alemanha nazista. Viena, 12.3.1938.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Bundesarchiv. Disponível em: <<http://operamundo.uol.com.br/conteudo/noticias/10345/hoje+na+historia+1938+%96+hitler+anuncia+uniao+entre+alemanha+e+austria.shtml>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

A- Em 12 de março de 1938, as tropas germânicas invadiram a Áustria e colocaram o ministro do Interior (nazista) no posto de chanceler. No dia seguinte, Adolf Hitler anunciou oficialmente o *Anschluss* (conexão, anexação, afiliação ou adesão), a união entre a Alemanha e a Áustria, que, de fato, significava a anexação da Áustria à Alemanha nazista. Essa ação fazia parte do plano de Hitler e dos seus ideólogos, que planejavam a expansão das fronteiras alemãs com o objetivo de construir o “Império dos Mil Anos”. Esse projeto vinha sendo implementado desde março de 1936, quando o governo alemão ordenou que seus exércitos ocupassem a Renânia, região cortada pelo Rio Reno, na fronteira entre a França e a Alemanha. De acordo com o Tratado de Versalhes, essa região deveria ser desmilitarizada, mas Hitler ignorou essa determinação. Subestimando o poder militar nazista e prevendo uma guerra de trincheiras, com exércitos imóveis tentando garantir suas posições, os generais franceses ordenaram a construção de uma longa fortificação que percorria a fronteira entre os dois países, conhecida como linha *Maginot*. O *Anschluss* foi confirmado por um plebiscito em 10 de abril, quando Hitler obteve 99,7% de aprovação para a união entre Alemanha e Áustria. Esse resultado foi fruto de uma intensa campanha realizada pelos nazistas da Áustria, alegando que alemães e austríacos eram parte do mesmo povo germânico, pois tinham a mesma língua e a mesma cultura. Assim, deveriam viver sob o comando de um único Estado. A França aceitou a anexação da Áustria, que não voltara a ser soberana antes do final da Segunda Guerra Mundial, quando foi liberada pelas forças aliadas. A Áustria transformou-se em uma entidade sem nome absorvida pela Alemanha. Imediatamente, os nazistas iniciaram práticas violentas de terror e antissemitismo, instigando a perseguição aos “inimigos eleitos pelo regime”, segundo princípios ideológicos e racistas. Tinham como alvo os dissidentes políticos e os judeus classificados como “raça inferior”.



Cidadãos fazendo a saudação nazista e demonstrando diferentes reações à ocupação alemã dos Sudetos. Cheb, outubro de 1938.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/-J-sDn1fK7Yg/UIKITGJEHQI/AAAAAAAAABTY/d9Kvy01HcIU/s1600/1239792\\_512116765537078\\_909323847\\_n.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-J-sDn1fK7Yg/UIKITGJEHQI/AAAAAAAAABTY/d9Kvy01HcIU/s1600/1239792_512116765537078_909323847_n.jpg)>.

Acesso em: 3 ago. 2017.

que ficava bem perto da escola. Aliás, em Viena nessa época, tudo era perto. E aí o meu pai disse: “Não pode mais continuar lá, de jeito nenhum!”. A governanta levou-nos – Eva e eu – até o parque. Ela dizia assim: “Fica calma!”. Mas, ali no parque, havia uma placa com os seguintes dizeres: “É proibida a entrada de cachorros e judeus”. Imaginem: os judeus não podiam entrar em nenhum parque mais!

Foi quando começaram vários outros problemas: meu pai não queria sair de Viena, mas tínhamos uma minha tia, irmã da minha mãe, que vivia no Brasil havia muito tempo, que lhe dizia: “Você tem que sair! Vem para o Brasil. A gente sabe o que está acontecendo com vocês em Viena!”. Meu pai ficou muito mal... Ele dizia que não havíamos feito nada: “Não somos judeus, nem não judeus”. Mas não era possível ficar por lá, porque eles [os nazistas] foram também ao prédio onde morávamos. “Há judeu aqui?”, perguntaram. A zeladora disse: “Não”. Ela nem sabia. Éramos os únicos naquela moradia de dois ou três andares. Lembro-me de que meu pai disse o seguinte, pois eu era muito falante: “Não fale nada, porque falando eles podem desconfiar que você é judia!”. Eu não era loira de olhos azuis, mas também não tinha cara de judia. Hoje nem sei...

Foi nesse momento que meu pai (acho) se tocou. Foram atrás de conseguir um visto para os Estados Unidos, que era difícil, e já não dava mais. Conseguimos vir para Brasil graças a D'us. Meu pai conseguiu os vistos por intermédio de um padre. Não sei o nome, mas esse padre foi maravilhoso! Estávamos em Viena onde esse padre nos batizou como católicos. Somente assim conseguiríamos sair de Viena e obter esse papel (como chama?), com vistos para o Brasil, que somente aceitava católicos. Isso mesmo, mas, quando chegamos aqui, meus pais não queriam continuar católicos. Mas acho que não voltaram para o judaísmo. Acho que não, porque eu tinha tão pouco contato com meus pais.

## ***Nossa rota de fuga***

Eu não fiquei em nenhum campo de concentração, nem em campo de trabalho ou de prisioneiro. Mas minha mãe me contou que nós, as crianças, fomos mandadas para algum lugar, não me recordo, creio que um esconderijo. Apenas sei que fizemos parte de um grupo de crianças, pois naquela época eu era criança. Isso foi antes de fugirmos para Paris. Eva e eu fomos de trem para um lugar longe de Viena, disso me lembro, para ficarmos com uma [mulher] francesa que tinha várias crianças. Meus pais pagaram por isso. Várias mulheres judias cuidavam dessas crianças de cujos nomes não me recordo, infelizmente. Eva deve saber, eu não! Até que meu pai veio... No dia em que apareceu (nossa!), ele estava supernervoso... Saímos apressados, assim como estávamos vestidos, para apanhar um trem que nos levaria, à noite, para Paris. Deixamos tudo dentro da nossa casa, tudo que pertence a uma casa.

Fomos todos de trem para Paris: meus pais, minha irmã Eva e eu. Tivemos muitas dificuldades de que não quero nem me lembrar, mas eu conto um pouquinho! Eu estava no trem com os meus pais e tinha muito medo. O trem sempre parava, e, quando olhávamos pela janela, víamos os oficiais nazistas da SS que chamavam as pessoas que iam entrar nos vagões, pediam documentos e tiravam uns lá de dentro que, certamente, acabaram na câmara de gás. Meu pai ficou [fala com ênfase] supernervoso. Ah, lembro-me de que eu usava um aparelho para colocar os dentes para frente, e ele o quebrou, provavelmente porque “ouvira” que muitos judeus escondiam brilhantes no aparelho. Logo começou a

sangrar terrivelmente. Foi quando bateram [à porta]: eram os oficiais da SS falando para os *góis* (não judeus). Nessa época, como eu tinha trança, um deles falou: “Depressa... mostra a trança e não fala nada para que eles não vejam que você está sangrando”. Eu respondi: “Tá bom!”. Os oficiais foram embora, mas meu pai ficou muito preocupado, pois, no outro compartimento, estava minha mãe com Eva. Felizmente, não aconteceu nada. O trem foi depois direto para Paris. É importante lembrar que Hitler ainda não havia ocupado a França.

Resolvemos ficar em Paris para tentar salvar a minha avó (a mãe da minha mãe) que ainda estava na Hungria. Todos ficaram muito aflitos porque minha avó queria vender seus imóveis de qualquer jeito. Ela era muito rica, possuía vários prédios, mas não conseguiu. Assim, ela veio nos encontrar. Até então eu não tinha muito contato com ela. Ela chegou ao hotel onde estávamos hospedados e, depois de um tempo, muito tempo, iríamos embarcar no navio que traria nossa família para o Brasil. Creio que ficamos cerca de um mês em Paris, e aproveitei esse tempo para conhecer a cidade, mas sempre sozinha, ou melhor, apenas Eva e eu. Meus pais estavam fazendo outras coisas, que infelizmente não sei o que era, mas acho que corriam atrás de documentos, talvez.

## ***Nossa vida no Brasil***

Sáímos de Paris para ir até o porto onde estava atracado o navio Astúrias. Entramos no navio, e até aí tudo bem. Mas, quando chegamos ao Rio de Janeiro, saímos do navio (como todos os demais passageiros) e fomos passear na Avenida Rio Branco. Foi quando eu falei, agitada como sempre: “Eu quero ficar aqui, não quero continuar”. Bem, nunca consegui ficar no Rio, mesmo porque Eva nem gostou tanto de estar lá. O navio continuou a viagem e atracou no porto de Santos, onde nos aguardava minha tia, irmã da minha mãe, acompanhada do marido e de Tibério, enteado dela. E eles tinham também uma filha chamada Trudi que já tinha quatro anos mais que eu.

Todos falavam húngaro (o marido, a minha tia), mas eu não. Inclusive a minha prima Trudi. Minha irmã Eva também falava fluentemente húngaro, pois os meus pais queriam que nós aprendêssemos húngaro, não sei por quê. Talvez porque meu pai e minha mãe falavam! Minha mãe, lógico, porque era húngara mesmo e meu pai porque ficou preso

Vozes do Holocausto

N.º ..... SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME : AGATHE DEUTSCH

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (PORT. 7619 de 17.3.44)

Nacionalidade: AUSTRIACA SOLTEIRA

Pai: OSCAR DEUTSCH Mãe: MAGDALENA DEUTSCH

Profissão: ESTUDANTE

Carteira de identidade n.º 969.061 Registro n.º 238.739-EXP. 30.12.44

Residência: AL. LORENA Nº 1655

Emprêgo: .....

Local: 12.1.45

T. G. I. - Mod. 162

  
DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

N.º ..... SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
Superintendência de Segurança Política e Social  
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME : OSKAR DEUTSCH

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (ART. 150 § 1º)

Nacionalidade: AUSTRIACA CASADO

Pai: JOSEF DEUTSCH Mãe: ROSALIA DEUTSCH

Profissão: COMERCIO

Carteira de identidade n.º 498.161 Registro n.º 70.260-EXP. 18.7.40

Residência: AV. LORENA Nº 1655

Emprêgo: CASA DE B. DANNEMANN

Local: RUA SÃO BENTO Nº 309  
1.9.44

T. G. I. - Mod. 162

  
DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

N.º 72.306

**REGISTRO DE ESTRANGEIROS**

DELEGACIA DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA,  
PERMANENCIA E SAÍDA DE ESTRANGEIROS

NOME MAGDALENA DEUTSCH

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE

Nacionalidade AUSTRIACA RELG CATOLICA

Pai SIGISMUND WEISZ Mãe ETHELGA WEISZ

Profissão OPERARIA

Carteira de identidade n.º 498.162 Registro n.º 72.306 exp. 17.8.44

Residência RUA DR. AMANCIO DE GARVALHO Nº 20

Emprego CASA FERRÃO Local RUA LIBERO BADARÓ  
Nº 190

27-7-40

*Sintosefatto*  
DELEGADO DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA,  
PERMANENCIA E SAÍDA DE ESTRANGEIROS

Mod. 161

Fichas de registro de estrangeiros de Agi Deutsch e dos pais Magdalena e Oskar, emitidas pela Secretaria de Segurança Pública de S. Paulo.  
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

na Sibéria durante Primeira Guerra Mundial, junto com um húngaro que lhe ensinou o idioma. Assim, meu pai falava fluentemente o húngaro.

Quando saímos do navio, tive ataques de choro. Coitados dos meus pais! Detestei. Não gostei, não, detestei! Imaginem: Viena e Santos, em 1938, não eram a mesma coisa. Hoje gosto de Santos, mas não de onde os navios param. Mas o Rio de Janeiro eu adorei na hora, uma paixão à primeira vista. Só que estava muito calor! Lembro que era dezembro de 1938... Eu estava andando com o meu pai, e Eva com a minha mãe. Nós todos achamos muito quente, imaginem Viena e Santos! Pegamos um trem e fomos para S. Paulo.

## *Uma nova vida*

Meu pai sempre estava zangado. Uma vez, ele ficou dois anos sem falar e, quando tinha vontade, dizia apenas “Boa noite”. Nada, nada, nada, nem das coisas da Europa. Eu não estava acostumada a ficar com a minha mãe. Nem almoçávamos juntos, nem jantávamos

juntos, nem tomávamos café juntos, pois em Viena eu estava sempre com governanta, sempre! E aqui as coisas não mudaram, pelo contrário, continuaram com esse silêncio. Apenas uma vez eles falaram: “Se alguém perguntar, não comente nada, não interessa o que nós passamos!”. Zangado, meu pai dizia: “Não interessa! Não quero compaixão de alguma pessoa porque pode inventar o que quiser...”. Talvez, por isso, quando chegaram [minha avó e meu avô], meu pai não queria que eles se relacionassem com brasileiros, apenas com a colônia judaica. Eles achavam que todo brasileiro era bandido, que aqui havia cobra, sífilis, horrível! Assim, namorávamos apenas os jovens da colônia judaica. Namorei muito tempo um rapaz não era judeu, e a minha mãe interferia, sempre. Por isso, fiquei noiva várias vezes, e minha mãe não deixava.

Quando chegamos ao Brasil, meus pais abriram uma fábrica de bolsas – Magdalena & Cia. –, as quais eram entregues na casa das pessoas. Um dos compradores, que mais comprava, era da família do meu pai, muito rico, proprietário de uma casa enorme na Alameda Itu. Então, a minha mãe, além de ajudar a fazer as bolsas, também entregava. Foi aí que conheci Walter, quando fui lá entregar algumas bolsas. Sua mãe estava muito doente e havia sempre uma enfermeira cuidando dela. Aí Walter me viu e se apaixonou.

Quando conheci Walter Straus, foi difícil explicar que eu era batizada por força das circunstâncias. Walter era um bom homem, vinha de uma família não muito judaica, nasceu no Brasil, filho de alemães. Quando fiquei noiva, meu pai não queria, minha mãe sempre se intrometia etc., mas ele era judeu e mais velho que eu. Eu nem sabia se ele seria o meu grande amor, pois isso apenas conheci depois de casada e com três filhas. Depois, conheci o meu segundo marido em uma festa: paixão à primeira vista, dele e minha. Tivemos uma filha (que aqui está) e que sempre me acompanhou, pois ele ficou muito doente. Quando teve o derrame cerebral, morávamos em Santos. Uma semana antes de morrer, nós estávamos lá quando me telefonaram avisando. Imediatamente, sabia que alguma coisa havia acontecido. Mais de 40 anos de idas e voltas. Ele era brasileiro, brasileiríssimo. Chamava-se Luiz Carlos Pires Sampaio que conheci em uma festa na casa de um holandês que dizia ser barão. Um dia ele veio tomar uísque em casa, ficou amigo. Era um charme. Foi quando me separei de Walter e ele ficou com a guarda das filhas por um tempo. Ele era uma ótima pessoa. Fui morar com Luiz Carlos em Recife e as meninas vieram conosco. Estudaram na escola judaica

Moises Schwarcz, muito conhecida. Foi lá que eu voltei a pintar. Luiz Carlos conhecia bem o judaísmo, pois havia sido casado, a primeira vez, com uma judia cuja mãe era de Viena, da Áustria. Então, foi uma grande coincidência, uma história longa.

## ***A minha arte***

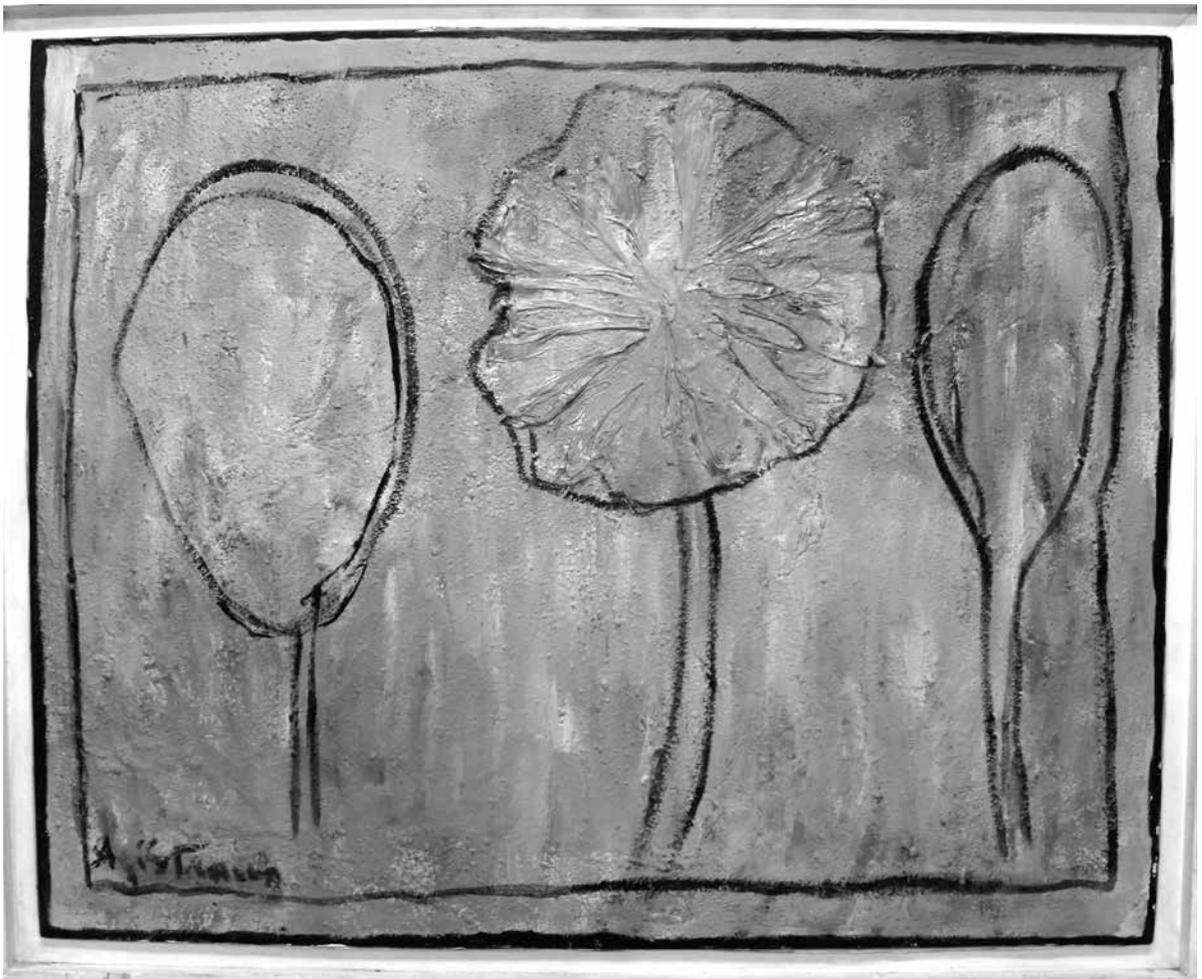
Tenho muita arte na minha casa, pois eu adoro. As paredes estão cheias. Tenho também essas cerâmicas, esses vasos, que ganharam um grande prêmio no Sesc Pompeia. Eles gostaram muito, mandei enrolado, mas isso faz 20 anos. Nunca frequentei escolas de arte, sempre tive uma formação livre, como dizem hoje. No Mackenzie, quando estava estudando secretariado, dediquei-me a fazer arte. Minhas amigas sempre pediam para fazer desenho com o X da máquina de escrever. Então eu fazia flores, desenhava plantas, pois adoro plantas. Tudo isso aqui são plantas que pinte há 20 anos. São quadros floridos sempre. Desde criança eu já fazia flores e continuei assim, mesmo na cerâmica... Mas sei fazer rostos também como nestas obras onde aparecem mulheres. Como eu tenho três filhas, elas sempre posaram para os nus artísticos.

Trabalhei como secretária do National City Bank, o primeiro emprego. Foi terrível, estava muito inquieta. Eu nunca usei o salário que ganhava, pois entregava o envelope para minha mãe, sempre no fim do mês. Mas com uma parte dele eu andava de bonde, comprava tintas e lápis de cor. Foi aí que comecei a pintar sozinha em casa. Até então eu nunca tinha estudado pintura. Em 1951, dediquei-me à literatura infantil escrevendo e ilustrando livros para a Editora Melhoramentos. Um dia, quando eu já tinha minhas três filhas, desci a Rua Augusta e vi uma enorme vitrine com cerâmicas, pinturas etc. Por curiosidade entrei e a pessoa que me atendeu disse: “Eu ensino!”. Era o Gaetano Miani com quem sempre estive em contato, sempre. Isso foi em 1952, quando iniciei os estudos no Museu de Arte de S. Paulo Assis Chateaubriand, época em que executei o afresco no Palácio do Café, em S. Paulo, com Miani.

Trabalhei para a Pull Sport por muito tempo, desenhando entre pulôveres e *t-shirts*. Quando havia um leve defeito na fabricação, eles pediam para pintar flores em cima, como sempre. Depois, fiz uma exposição com os meus quadros em Belém do Pará. Fiquei



Agi Straus, sem título, óleo sobre tela. S. Paulo, s. d. Acervo: Coleção Tucci/SP.



Agi Straus, *Botânica*, técnica mista, 100x80, 2009.  
Acervo da artista.

célebre depois, pois mandei vários quadros para expor em um salão enorme. Na noite da inauguração, sumiu um dos quadros que estavam na parede. Roubaram! Saiu em todos os jornais: “Roubado o quadro de Agi Straus!”. Depois, em Recife, pinteí flores para uma costureira. Enfim, morei oito anos em Recife, um ano e meio em Belém e um mês em São Luís do Maranhão.

Como toda criança, comecei a pintar com 10 anos, pois já sabia desenhar com facilidade. Depois comecei a pintar, após ter conhecido um amigo pintor que tinha um estilo diferente do meu, mas assim comecei a misturar as tintas. Entusiasmei-me, comecei a fazer cerâmica e esculturas também. Cheguei a fazer um painel de uns 20 metros em São Luís do Maranhão, num hospital psiquiátrico, um grande painel que eu espero um dia ainda ver. É um bumba

meu boi que foi encomendado por um médico. Acho que tenho também um painel na Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo, na Escola de Aplicação, de uns dez metros, assinado Agi Straus. Foi restaurado, um trabalho bem interessante, baseado nas fotos de como era antes...

Mais tarde, nos anos 1960, aqui em S. Paulo, fundei uma escola de arte para crianças, na Rua Augusta quase esquina com a Rua Estados Unidos: Escola Agi. Em seguida, entre 1964 e 1970, colaborei com ilustrações para os suplementos “Literário” e “Feminino” do jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1976, participei da coletiva “Imigrantes nas Artes Plásticas de S. Paulo”, morei nos Estados Unidos por alguns anos, produzi bastante, expondo a minha arte em Nova York, Milão e Kyoto.<sup>A</sup>

Estudei com Gaetano Miani, Antônio Gomide, Poty, Darel Valença Lins e Zamoyski. Aqui no Brasil conheci outros artistas que também vieram refugiados, com uma história parecida com a minha. Alice Brill é uma delas. Tenho aqui um quadro que ela me deu. É um amor. O marido faleceu faz, mais ou menos, um ano. O tempo passa rápido, não sei. Há também o Darel, meu amigo que mora no Rio de Janeiro e que também me deu uma gravura. É um judeu simpaticíssimo, cujos quadros estão valorizados. Conheci também Anatol Wladyslav, muito, muito meu amigo; Hannelore Jakubowitz, que é bem mais jovem que eu. Ela é pintora também. Depois, fiz uma exposição, da qual também participou Hannelore, no asilo Residencial Israelita. Eva Lieblich: também conheço; Renina Katz, judia; Lise Forell, que é tcheca, muito minha amiga.

A- Agi Straus desde 1955 realiza exposições individuais em S. Paulo e no exterior. Morou nos Estados Unidos por alguns anos, onde produziu muito de sua arte classificada hoje como neorrealista. A conexão entre natureza-morta e paisagem é uma das marcas da pintura de Agi Straus que faz, com maestria e sensibilidade, um contraponto com campos floridos, flores e folhas soltas. É nesse universo da natureza-morta/paisagem que seus quadros e esculturas ganham identidade, sendo facilmente identificados pelo uso de matérias químicas e plásticos em relevo que, acumulados sobre a tela numa única emulsão, transmitem sua maneira de olhar o mundo e perceber o universo. Valendo-se de tons e semitons, trabalha sobre o plano de suas telas em busca do equilíbrio estético. Inspira-se na natureza viva para criar a sua natureza-morta. Girassóis, antúrios, copos-de-leite, mulheres nuas sobrepostas e inscrições rupestres povoam seu mundo, um vasto mundo adornado por pedras sobre pedras, flores entre folhas, peixes e feixes de galhos contorcidos. Entre 1955 e 2006, Agi expôs em Nova York, Washington, Roma, Milão, Basileia, Frankfurt, Atami, Tóquio, Kyoto, La Paz, além de importantes cidades brasileiras. Foi premiada em vários salões paulistas, transformando sua arte em um legado. Sua produção é hoje uma referência no campo das artes plásticas como podemos constatar nos guias e nas obras de referência das artes no Brasil. Agi Straus veio para ficar!

## *Lembranças da Áustria*

Sobre tudo isso que aconteceu na Europa, digo que foi um período terrível. Posso dizer que fiquei triste... Ainda hoje tenho saudade de Viena, muita! Voltei lá três vezes, pois Viena é Viena... Não se compara! Eu não guardei muitas lembranças amargas sobre a nossa saída da Áustria. Eu apenas achei ruim quando cheguei aqui. Eu disse: “Nossa que lugar! Prefiro minha casa!”. Era meio infantil, ainda sou, mas acho que era mais.

Tive saudade da minha escola, dos meus amigos, mas depois esqueci. Também já faz quantos anos que estou aqui? Mais de 70 anos, né? Eu tinha 12 anos em 1938. Hoje falo um português normal, fluentemente, mas dizem que ainda tenho sotaque. Só um pouquinho! É muito interessante, pois minha irmã e eu temos o mesmo sotaque. Eu tenho uma amiga, também judia, Judith [Harbor?] que não fala bem alemão e fala português sem sotaque.

Às vezes, eu me lembro de alguma coisa de Viena, mas procuro esquecer. Esqueci mesmo! Meu pai pedia para nunca falarmos sobre tudo por que nós passamos, nunca. Talvez porque ele tenha ficado sem ninguém da família. Ele me proibiu! Minha mãe, infelizmente, sofreu com tudo isso, pois sobraram somente ela e a tia, húngara também, que morava em S. Paulo. Sobre as sete irmãs da minha avó [materna] que ficaram na Hungria, não sei dizer. Acho que morreram todos. Uma delas teve um filho, um ano e meio a menos que eu, que hoje mora em Jerusalém (Israel). Há algum tempo ele me visitou e disse: “Eu sou o seu primo de longe”. É filho da irmã da minha avó.

Hoje recebo uma pequena indenização do governo da Áustria e a minha aposentadoria daqui, pois não dá para viver de arte.